

# Verticalização na educação: o que é, como surgiu, para que serve?

## Autores:

### Luciano Marcos Curi

*Pós-Doutor em História, professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - EBTT (IFTM, Uberaba). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT e do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica - MPET*

### Renata Costa Gomes

*Especialista em Microbiologia Clínica, mestranda Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT, IFTM, Uberaba), servidora efetiva do Centro de Educação Profissional - Cefores*

### Ana Lucia Araújo Borges

*Doutora em Educação, professora permanente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT, IFTM, Uberaba), professora do Programa de Pós-Graduação ProfEPT (IFTM, Uberaba)*

DOI: 10.58203/Licuri. 83089

## Como citar este capítulo:

CURI, Luciano Marcos; GOMES, Renata Costa; BORGES, Ana Lúcia Araújo. Verticalização na educação: o que é, como surgiu, para que serve?. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). Ensino e Educação: contextos e vivências. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 98-115. v. 2.

ISBN: 978-65-999183-0-8

## Resumo

O presente artigo trata da verticalização na educação, tanto das instituições escolares quanto da verticalização relativa à formação dos estudantes. Ressalta-se que o conceito de verticalização assume vários significados, seja na área do urbanismo, da produção industrial, bem como da educação. Na área educacional, a verticalização das instituições ocorre com a oferta de vários cursos da mesma área ou profissão em diferentes níveis e modalidades de ensino, como é o caso dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), os quais oferecem cursos na Educação Básica, Técnica, Tecnológica, Superior e Pós-Graduação. Assim, há o compartilhamento de infraestrutura, tais como bibliotecas, quadras poliesportivas, laboratórios e também da expertise dos docentes por meio do ensino, pesquisa e extensão, o que possibilita o encontro entre os diferentes níveis de ensino na mesma instituição. Na verticalização da formação dos estudantes, estes optam por cursos na mesma área ou profissão, ampliando e aprofundando suas formações, o que pode ocorrer na mesma instituição ou em estabelecimentos distintos. Ademais, os estudantes verticalizados em suas formações apresentam vantagens em vários aspectos, pois possuem maior conhecimento nos conteúdos que foram estudados em momentos anteriores, acumulando anos de estudos na mesma área ou profissão, possibilitando, portanto, maior autonomia em sua aprendizagem e ampliação das possibilidades de inserção no mundo do trabalho.

**Palavras-chave:** Educação Profissional e Tecnológica; Educação. Ensino. Gestão de Carreira.

## INTRODUÇÃO

O conceito de verticalização surgiu na área do Urbanismo e depois foi transposto para outras áreas científicas. No Brasil, a verticalização passou a receber mais estudos a partir da criação dos Institutos Federais, por meio da Lei Federal nº 11.892/2008, a qual estabelece que os Institutos devem atuar em diferentes níveis e modalidades de ensino, atendendo a um diversificado público que vai desde a Educação Básica até a Pós-Graduação. É importante ressaltar que antes da criação dos Institutos, os antecessores Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets) também já possuíam a verticalização nos mesmos moldes, ainda que não explicitada na lei de forma tão estruturante (SILVA, 2022; WHETTEN, 2003).

Assim, na educação, a verticalização faz parte das instituições de ensino e também da formação dos estudantes. Nas instituições ela refere-se a uma forma de organização escolar e, no caso estudantil, trata-se da construção de trajetórias formativas e carreiras.

Na verticalização das instituições, ocorre a oferta de vários cursos em diferentes níveis de ensino, como é o caso dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) e dos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets), os quais oferecem cursos na Educação Básica, Superior e Pós-Graduação.

Na verticalização da formação, os estudantes concluem cursos na mesma profissão ou áreas próximas, podendo cursá-los ou não na mesma instituição de ensino.

Nesse sentido, os estudantes, ao construírem suas carreiras, optam em continuar suas formações e, dessa forma, concluem cursos na mesma profissão ou áreas equivalentes, na mesma instituição ou em estabelecimentos distintos.

Quando nos referimos à verticalização da formação, alguns questionamentos surgem: quais os principais fatores que podem contribuir para a verticalização dos estudantes? Qual a principal contribuição da escola neste contexto? Quais aspectos podem dificultar a continuidade dos estudos após a conclusão do Ensino Técnico? Quais as principais vantagens de um estudante verticalizado?

Considera-se que a etapa do Ensino Médio seja fundamental para a escolha e o futuro profissional dos estudantes e, por esse motivo, não se pode deixar de refletir sobre as intensas alterações do mundo do trabalho desde as últimas décadas, como as acentuadas demandas por qualificação profissional e condições precárias de trabalho. Sendo assim,

nessa lida com as adversidades do mercado de trabalho contemporâneo estão os jovens, pois [...] “é na juventude que são tomadas decisões importantes no que diz respeito ao caminho de vida a seguir” (VIEIRA *et al.* 2022, p.3), além de sofrerem influências com relação aos fatores econômicos e sociais.

Os jovens, por sua vez, são os mais penalizados no que diz respeito à inserção no mundo do trabalho, e isso pode impactar diretamente em suas escolhas profissionais, bem como em suas opções com relação aos seus estudos, ou seja, em verticalizarem suas formações.

O objetivo deste estudo é tratar sobre a verticalização na educação, especificamente a verticalização da formação dos estudantes.

## A VERTICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO: SURGIMENTO, CONCEITO E POSSIBILIDADES

O conceito de verticalização surgiu no Urbanismo, em meados do século XIX, quando os edifícios verticais e os arranha-céus passaram a serem construídos, nos Estados Unidos, pelos engenheiros, arquitetos e urbanistas da Escola de Chicago, e a introdução das tecnologias do elevador, da estrutura de aço e do concreto armado (QUEIROZ e COSTA, 2017. p.33, apud MENDES, 2011; MORIGI, 2016).

No área da Educação, Fernandes (2013) explica que a verticalização das instituições representa:

[...] que a instituição deve desenvolver o ensino em todos os níveis e modalidades, ou seja, ministrar educação profissional técnica de nível médio, prioritariamente na forma de curso integrado, para os concluintes do ensino fundamental e para jovens e adultos e ministrar cursos em nível de educação superior de tecnologias e licenciaturas, bem como, bacharelado e engenharia, e ainda, cursos de pós-graduação lato e stricto sensu (FERNANDES, 2013, p. 8).

Curi (2023), por sua vez, explica que a verticalização da formação significa:

[...] o aprofundamento, intensificação, afunilamento, ampliação do conhecimento e formação na mesma profissão ou área. No caso das instituições significa utilizar o potencial de uma escola, extrair mais cursos da mesma e/ou preencher sua capacidade ociosa (CURI, 2023, p. 2).

Conforme observado na explicação desses autores, na educação temos a verticalização estudantil e institucional. Na verticalização das instituições ocorre a oferta de vários cursos em diferentes níveis de ensino como é o caso dos IFs e dos Cefets, os quais oferecem cursos na área Básica, Profissional, Superior e Pós-Graduação.

Nesse caso, há o compartilhamento de infraestrutura, tais como bibliotecas e laboratórios; conhecimentos, por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como do corpo docente, possibilitando o encontro da Educação Básica com a Superior e a Pós-Graduação.

Entretanto, a verticalização não é exclusiva dos IFs e dos Cefets, tendo em vista que ela pode ocorrer em outras instituições, embora não reconheçam isso.

Temos, no Brasil, três exemplos de instituições que têm modelos e possibilidades de verticalização diferentes e pouco estudados (CURI, 2023). Um caso bem conhecido é o Centro Paula Souza, no Estado de São Paulo, que oferta cursos Técnicos e Superiores, mas em instituições e com estruturas e corpo docente diferentes. Eles possuem as Etecs (Escolas Técnicas) e as Fatecs (Faculdades), ambas ligadas ao Centro Paula Souza, mas que funcionam separadamente, e até em prédios diferentes e em diversos municípios do Estado de São Paulo.

Outro exemplo é a Fiocruz no Rio de Janeiro, que possui uma Escola Técnica de Saúde e a pós-graduação na mesma área, e não oferta cursos de graduação. Contudo, com corpos docentes e uma articulação de verticalização bem menos visível do que nos Cefets e IFs.

Um último exemplo são as universidades federais e suas respectivas Escolas Técnicas Vinculadas. Elas compartilham estruturas físicas e laboratórios, mas o corpo docente é diferenciado, inclusive, com carreiras legalmente diferentes (CURI, 2023).

Ao referir-se aos IFs, Pacheco (2011) pontua que a verticalização das instituições age como força organizadora dos currículos dos cursos, bem como fortalece a proposta pedagógica da escola, atuando como potencializadora para um trabalho educativo de qualidade e acessível a todos. Dessa maneira, ela facilita o conhecimento de forma

partilhada, permitindo que os educadores desenvolvam um trabalho reflexivo e criativo nas instituições, possibilitando a autonomia dos educandos.

De acordo com Cattani (1997), a autonomia compreende:

[...] uma vasta gama de valores e de experiências sociais que têm como centro o princípio da livre determinação do indivíduo, de um grupo específico ou de um conjunto político maior. A autonomia compõe o imaginário libertário e impulsiona, de forma espontânea ou induzida, as reivindicações e as práticas que se opõem às normas arbitrárias, às hierarquias opressoras e à racionalidade produtivista privada (CATTANI, 1997, p. 27).

À vista disso, é importante compreender que a verticalização não deve se restringir somente ao ensino, podendo estender-se ao tripé do Ensino, Pesquisa e Extensão.

Sobre a verticalização das instituições, Pacheco (2011) ainda explica:

A verticalização, por seu turno, extrapola a simples oferta simultânea de cursos em diferentes níveis, sem a preocupação de organizar os conteúdos curriculares, de forma a permitir um diálogo rico e diverso entre as formações (PACHECO, 2011, p. 24).

Neste aspecto, como princípio da organização escolar e dos componentes curriculares, a verticalização implica o reconhecimento de fluxos que permitam a construção de interações formativas entre os diferentes cursos.

Embora exista a possibilidade da integração na verticalização entre o nível Básico e o Superior, nos Institutos isso nem sempre ocorre e, muitas vezes, restringe-se à oferta simultânea de cursos, sem articulação e atividades comuns entre eles. A exploração das potencialidades da verticalização no âmbito institucional ainda é um desafio para muitos educadores e gestores escolares.

Oliveira (2016) destaca que as finalidades da verticalização das instituições impactam diretamente na vida dos estudantes e professores, pois ao disponibilizar diversos níveis de ensino, oportuniza aos estudantes a possibilidade de traçar um itinerário formativo mais

adequado às suas expectativas. Sendo assim, ao compartilhar um único espaço, possibilita o convívio dos estudantes de nível básico com os do nível superior e da pós-graduação.

As bases organizativas dos currículos, se contínuas ou modulares, definirão, em parte, os tipos de itinerários formativos que podem ser seguidos pelos estudantes, em coerência com a organização e as normas dos sistemas de ensino e de formação profissional. O princípio da continuidade é próprio do currículo. Ele significa permitir que não haja divisões que impeça o educando de dar continuidade a seus estudos, a cada etapa vencida, não comprometendo, assim, as perspectivas de uma formação permanente ao longo da vida (PEREIRA e LIMA, 2008, p. 208).

A verticalização também pode ocorrer quando são criados cursos superiores que permitem a continuidade da formação técnica, como por exemplo, o Curso Técnico em Comércio e o Curso Superior em Administração, Contabilidade e Economia (Cf. BORGES; CURI; NETO, 2021).

Outro exemplo de verticalização seria o que ocorre nas instituições que oferecem o Curso Técnico em Administração e o Superior em Ciências Contábeis ou Economia. Nesse caso, há a verticalização por similaridade, pois os dois cursos estão na mesma área, mas não são a mesma profissão (CURI, 2022).

Na Tabela 1, apresenta-se uma categorização das possibilidades de verticalização, estudantil e institucional, convencional e invertida.

Na verticalização da formação, os estudantes optam e encontram oportunidades de continuidade em suas formações e, dessa maneira, concluem cursos em áreas afins, na mesma instituição de ensino ou em instituições distintas. Ademais, os estudantes verticalizados em sua formação apresentam vantagens em vários aspectos, pois possuem maior conhecimento nos conteúdos que foram estudados em formações anteriores, acumulando anos de estudos na mesma área de ensino ou em áreas semelhantes.

Um exemplo de verticalização simétrica seria um estudante que concluiu o curso Técnico em Enfermagem e posteriormente optou por cursar a Graduação em Enfermagem. Já na verticalização de formação por similaridade de profissões, os cursos não são na mesmíssima área, como por exemplo, quando um egresso do Curso Técnico em Administração conclui o Bacharelado em Ciências Contábeis. É importante ressaltar que a verticalização de formação também pode ocorrer de um curso de graduação para uma

pós-graduação, como por exemplo, um egresso do Curso Superior em Administração que posteriormente optou por cursar o Mestrado em Administração (CURI, 2022).

**Tabela 1.** Tipologia das verticalizações: estudantil e institucional, convencional e invertida.

Descrição	Exemplo
<b>Verticalização Convencional Simétrica</b>	
Acontece quando os cursos frequentados ou concluídos pelos estudantes, ou então, oferecidos pela instituição, são de vários níveis ou etapas escolares ou acadêmicas e referentes à mesmíssima profissão.	Técnico em Administração, Bacharelado em Administração e Mestrado em Administração.
<b>Verticalização Convencional Similarizada</b>	
Ocorre quando os cursos frequentados ou concluídos pelos estudantes, ou então, oferecidos pela instituição, são de vários níveis ou etapas escolares ou acadêmicas e da mesma área, do mesmo eixo, mas não da mesmíssima profissão.	Técnico em Administração Bacharelado em Ciências Contábeis.
<b>Verticalização Invertida Simétrica</b>	
Verifica-se este tipo de verticalização quando os cursos frequentados ou concluídos pelos estudantes, ou então, oferecidos pela instituição, pertencem a vários níveis ou etapas escolares ou acadêmicas, referentes à mesmíssima profissão, porém eles são cursados ou implementados de forma decrescente na hierarquia ou estrutura escolar, ou seja, tanto o estudante quanto a instituição retornam, decrescem, cursam ou ofertam um nível abaixo ou anterior referente àquilo que já possuem ou disponibilizam.	Bacharelado em Administração e depois Técnico em Administração.
<b>Verticalização Invertida Similarizada</b>	
Verifica-se este tipo de verticalização quando os cursos frequentados ou concluídos pelos estudantes, ou então, oferecidos pela instituição, pertencem a vários níveis ou etapas escolares ou acadêmicas, referentes à mesma área e não à mesma profissão. Porém, eles são cursados ou implementados de forma decrescente na hierarquia ou estrutura escolar/acadêmica, ou seja, tanto o estudante quanto a instituição retornam, decrescem, cursam ou ofertam um nível abaixo ou anterior referente àquilo que já possuem ou disponibilizam.	Bacharelado em Ciências Contábeis e depois Técnico em Administração.

Fonte: Adaptado e ampliado de Curi (2021 e 2022).

Outro modelo de verticalização da formação, pouquíssimo conhecido, é a verticalização invertida, que é quando o estudante primeiramente cursa uma graduação e posteriormente um curso técnico, na mesma profissão ou área afim. Como exemplo, pode-se citar um estudante que cursou a Graduação em Biomedicina e depois o Curso Técnico em Análises Clínicas. Haja vista que os dois cursos são da mesma área e profissão, ocorreu uma verticalização invertida simétrica. Outra possibilidade de verticalização invertida é a por similaridade de profissões ou similarizada, que ocorre, por exemplo, quando um egresso do Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis conclui posteriormente o Curso Técnico em Administração (CURI, 2022).

A verticalização da educação no Brasil despertou maior atenção a partir da lei de criação dos IFs, em 2008, embora ela já existisse nos Cefets e nas Escolas Técnicas e Agrotécnicas que ofertam desde a educação Básica até a Superior e Pós-Graduação.

Na Educação Básica, há escolas que ofertam cursos de Ensino Fundamental e Ensino Médio aproveitando o mesmo prédio, corpo docente, biblioteca, refeitórios, cantinas e instalações esportivas, dentre outros, ou seja, verticalizando suas ofertas educacionais. Como exemplo, pode-se citar o extinto Colégio do Caraça/MG (1820 a 1968) e o Colégio Pedro II, existente desde 1837, entre tantas outras (CURI, 2022).

Entretanto, indiscutivelmente a verticalização ganhou destaque a partir de sua incorporação na Lei Federal nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que trata da criação dos Institutos Federais de Educação, os quais possuem como características [...] “promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão” (BRASIL, 2008).

## A VERTICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A Educação Profissional e Tecnológica - EPT abrange todos os níveis de ensino (Básico, Profissional, Superior e Pós-Graduação), bem como os cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) e Qualificação Profissional (QP); de Educação Técnica; os cursos de Graduação e de Pós-Graduação. A EPT pode articular-se com as diversas modalidades de ensino, cuja finalidade principal é a preparação e a integração com as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia (BRASIL, 1996).

Conforme pontua Oliveira (2021), em 2008 houve a expansão da Rede Federal de EPT,

quando a maioria das antigas Escolas Técnicas Federais, os Cefets e as Escolas Agrotécnicas foram transformados em IFs. Essa transformação dos IFs resultou na reestruturação da administração das instituições, com novas unidades descentralizadas chamadas campus. Nesse sentido, com a incorporação da temática da verticalização na lei de criação dos IFs, houve a possibilidade de integração educacional, por meio da otimização de seus recursos, inclusive do corpo docente e demais servidores.

Em 2020, foi criado o Guia de Referência Metodológica da Plataforma Nilo Peçanha (PNP) e nele consta o Índice de Verticalização referente as instituições de EPT da Rede Federal. Assim, o referido índice foi elaborado com o intuito de identificar a efetividade de cada unidade acadêmica da Rede Federal em oferecer cursos de níveis distintos em um mesmo eixo tecnológico, ou área acadêmica ou científica, contemplando o que estabelece o inciso II, do artigo 6º, da lei 11.892/2008.

Iniciada em 2017 pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC), a Plataforma Nilo Peçanha (PNP) destina-se à coleta, tratamento e publicização de dados oficiais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede Federal). A Plataforma apresenta informações sobre as unidades que a compõem, cursos, corpo docente, discente e técnico-administrativo, além de dados financeiros. A PNP nasce da necessidade da constituição de um banco de dados convergente com as características da educação profissional e tecnológica, no qual estejam reunidas as informações necessárias para o monitoramento dos indicadores de gestão definidos pela Setec/MEC em conjunto com os órgãos de controle (BRASIL. MEC/PNP, 2018).

Á vista disso, o Índice de Verticalização foi elaborado pelo grupo de especialistas da PNP, com o objetivo de avaliar o esforço das unidades acadêmicas da Rede Federal em oferecer vagas que permitam ao estudante construir um itinerário formativo vertical, desde a Qualificação Profissional até a Pós-Graduação, em um mesmo eixo tecnológico.

Nesse sentido, o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, que “disciplina a oferta de cursos de educação profissional técnica para orientar e informar as instituições de ensino, os estudantes, as empresas e a sociedade em geral”, (BRASIL, MEC, 2020), define eixo tecnológico como sendo:

[...] estrutura de organização da educação profissional e tecnológica, que agrupa vários cursos e que tem como finalidade orientar o projeto pedagógico do curso, apresentando os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os valores que devem orientar a organização curricular (MEC, 2020).

Dessa maneira Moraes (2018) afirma que o Índice de Verticalização busca verificar a condição de verticalização dos cursos oferecidos por uma mesma unidade acadêmica, em um mesmo eixo tecnológico, considerando vagas ofertadas em 04 (quatro) categorias possíveis: Curso de Qualificação Profissional (QP); Curso Técnico (CT); Curso de Graduação (CG); e Curso de Pós-Graduação (PG).

De acordo com o Guia de Referência Metodológica - PNP - 2020, postula-se que:

É desejável que as unidades acadêmicas atuem em um número limitado de Eixos Tecnológicos e que, em cada um destes eixos, ofertem vagas em cursos de diversos níveis que permitam que o estudante siga por um itinerário formativo ascendente, como, por exemplo, o aluno de um curso de Qualificação Profissional “Armador de Estruturas”, que se matricula posteriormente em um “Curso Técnico de Edificações”, depois no Curso de “Graduação Tecnológica em Construção de Edifícios” e finalmente em um “Mestrado em Infraestrutura”, todos os cursos do Eixo Tecnológico “Infraestrutura” e Subeixo “Civil” (MORAES, 2018, pg 35).

Assim sendo, no referido índice busca-se avaliar a verticalização sobre dois aspectos: a análise vertical e a análise horizontal. A análise vertical verifica se uma mesma unidade acadêmica ofereceu vagas, no ano de referência, em cursos de diferentes “níveis” dentro de um mesmo eixo tecnológico. A análise horizontal verifica se a unidade acadêmica ampliou suas vagas no mesmo nível escolar, em determinado ano de referência (MORAES, 2018 ).

Este tipo de estrutura acadêmica verticalizada permite que o estudante tenha acesso a um itinerário formativo na mesma instituição, possibilitando o compartilhamento de saberes, nos diversos níveis de ensino ofertados, a partir de uma área de conhecimento.

Ressalta-se que o Índice de Verticalização disponibilizado na Plataforma Nilo Peçanha busca verificar a condição de verticalização dos cursos oferecidos na Rede Federal de EPT,

por uma mesma unidade acadêmica em um mesmo eixo tecnológico, considerando vagas de ingresso ofertadas nas quatro categorias supracitadas, ou seja, são disponibilizados os dados da verticalização das instituições. O que é coerente com a finalidade da PNP (GRICE, 1982). Salienta-se, por fim, que o referido Índice não aborda a verticalização da formação dos estudantes, que conforme já mencionado neste texto, poderá ser simétrica ou similarizada ou até mesmo invertida simétrica e similarizada.

## A VERTICALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Para Pacheco (2011), a proposta dos Institutos Federais agrega à formação acadêmica a preparação para o trabalho e discute os princípios das tecnologias, propondo-se uma formação contextualizada, rica em conhecimentos, princípios e valores que potencializam a ação humana na busca de caminhos de vida mais longos. Assim sendo:

[...] derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana é um dos objetivos básicos dos Institutos Federais. Sua orientação pedagógica deve recusar o conhecimento exclusivamente enciclopédico, assentando-se no pensamento analítico, buscando uma formação profissional mais abrangente e flexível, com menos ênfase na formação para ofícios e mais compreensão para o mundo do trabalho e em uma participação qualitativamente superior nele. Um profissionalizar-se mais amplo, que abra infinitas possibilidades de reinventar-se no mundo e para o mundo (PACHECO, 2011, p15).

Ainda de acordo com Pacheco (2011), a organização curricular dos Institutos traz para os profissionais da educação um espaço ímpar de construção dos saberes. A possibilidade de dialogar simultaneamente, e de forma articulada, da Educação Básica até a pós-graduação, trazendo a formação profissional como paradigma nuclear, faz que essa atuação acabe por sedimentar o princípio da verticalização. Nesse aspecto, o corpo docente possui a possibilidade de, no mesmo espaço institucional, construir vínculos em diferentes níveis e modalidades de ensino, buscando metodologias que melhor se apliquem a cada ação, estabelecendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Entretanto, alguns estudos apontam para uma estreita relação entre a verticalização das Instituições e o reflexo do trabalho precário do corpo docente, que de acordo com Araújo e Mourão (2021) se relaciona com a intensificação do trabalho, o aumento da intensidade laboral e as mudanças na carga horária dos professores. Para Fernandes (2013), o professor realiza uma atividade fragmentada e, com isso, não consegue cumprir tantas e diferentes tarefas de forma simultânea, o que implicaria em alienação, privações de convívio, problemas sociais, angústia e auto cobrança constante.

É importante destacar que embora existam estudos indicando uma possível relação entre a verticalização das instituições e seu reflexo no trabalho docente, deve-se considerar que a sobrecarga de trabalho aliada a demora na contratação de docentes, entre outros fatores, talvez seja a sua causa e não a verticalização. Afinal, pesquisas apontam a existência de sobrecarga do trabalho docente de professores da Educação Básica, nas redes estaduais e municipais no Brasil afora e que majoritariamente trabalham em escolas não verticalizadas. Há muito por pesquisar neste aspecto. (ARAÚJO, et al 2021; BEZERRA, 2017; QUEVEDO, 2016).

## A VERTICALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES

Antes do aprofundamento da temática da verticalização da formação dos estudantes, cabe aqui uma interessante reflexão a respeito das finalidades da educação, em que Savater (2012, p. 24) nos diz: “[...] para ser homem não basta nascer, é preciso também aprender. Assim, a genética nos predispõe a chegarmos a sermos humanos, porém, só por meio da educação e da convivência social conseguimos sê-lo efetivamente”. Dessa maneira, a escola jamais será neutra, haja vista que favorece um modelo de cidadania, de disposição para o trabalho, de maturidade psicológica, bem como de saúde.

Assim sendo, na verticalização estudantil, os discentes concluem cursos na mesma profissão ou áreas próximas, podendo cursá-los na mesma instituição de ensino ou não. Assim, na EPT pode ocorrer a verticalização da formação nas seguintes situações: de um curso de Qualificação Profissional para um curso Técnico; de um curso de Qualificação Profissional para a Graduação; de um curso Técnico para Graduação; de um curso de Graduação para Pós-Graduação; de um curso de Qualificação Profissional para Pós-Graduação e de um curso Técnico para Pós-Graduação. Pode ocorrer ainda a

verticalização invertida, por exemplo, de um curso de Graduação para o Técnico e de um curso de Pós-Graduação para um curso de Graduação.

**Tabela 2.** Possibilidade das verticalizações: combinatória.

Verticalização convencional (crescente)		Verticalização invertida (decrecente)	
Qualificação Profissional →	Técnico	Pós-Graduação →	Graduação
Qualificação Profissional →	Graduação	Pós-Graduação →	Técnico
Qualificação Profissional →	Pós-Graduação	Pós-Graduação →	Qualificação Profissional
Técnico →	Graduação	Graduação →	Técnico
Técnico →	Pós-Graduação	Graduação →	Qualificação Profissional
Graduação →	Pós-Graduação	Técnico →	Qualificação Profissional
06 possibilidades de combinações		06 possibilidades de combinações	

Fonte: Adaptado e ampliado de Moraes et al (2018) e Curi (2021 e 2022).

Além disso, o estudante tem a possibilidade de verticalizar sua formação na mesma área ao optar por cursar desde um curso de Qualificação Profissional até o Doutorado, como é o caso do estudante do Instituto Federal Goiano, Nelmício Furtado da Silva. Nelmício foi o primeiro estudante verticalizado desde o Ensino Técnico até o doutorado, que iniciou seus estudos no campus Rio Verde, no ano de 2008, no Curso Técnico em Agropecuária, e neste mesmo ano ingressou no curso de Bacharelado em Agronomia na mesma instituição. Ao finalizar a graduação, iniciou o Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias e, no ano de 2014, ingressou no Doutorado neste mesmo programa, no campus Rio Verdense, finalizando-o em 2017, verticalizando toda a sua formação na mesma instituição a qual iniciou o curso técnico (BRASIL, MEC/PNP, 2017).

Sendo assim, compreende-se que o estudante verticalizado possui inúmeras vantagens, haja vista que acumula anos de conhecimentos na mesma área de formação, além de melhores possibilidades de colocação no mercado de trabalho.

Para Fernandes (2013), o processo de verticalização pretende trazer, como objetivos, o compartilhamento dos saberes e estabelecer relações intensas entre os indivíduos

envolvidos nesse processo. Nesse aspecto:

[...] a verticalização pode exercer influências decisivas nos métodos e técnicas de ensino, na construção e desenvolvimento dos currículos. Estes, na verticalização, não são agregados de disciplinas e conteúdos esparsos, pois implicam no traçado de um perfil lógico e coerente das matérias como um aprendizado total, não apenas reunindo as disciplinas como fragmentos isolados (FERNANDES, 2013, p. 32).

Outra questão de suma importância relacionada à verticalização é o tema da orientação profissional. Um estudante que tem a oportunidade de passar por uma experiência de orientação profissional tende a fazer escolhas profissionais mais conscientes e, por consequência, mudar menos de carreiras, aumentando as possibilidades de verticalização na sua formação. Sendo assim, a orientação profissional pode começar no Ensino Fundamental já direcionando o jovem para o Ensino Técnico (RODRIGUES e CURTI, 2021).

À vista disso, a orientação profissional adequada desde o Ensino Médio pode impactar efetivamente no sucesso profissional de seus estudantes, pois, conforme afirma Fernandes (2013):

[...] o estímulo às carreiras de cunho tecnológico é, também, um importante aspecto a ser observado. A conclusão de um curso técnico de nível médio, não deve se constituir no fim das aspirações individuais e sociais dos cidadãos e sim em uma base de conhecimentos sólidos, capazes de incentivar formações e/ou atividades em níveis mais elevados (FERNANDES, 2013, p. 18).

As experiências e conhecimentos adquiridos pelos jovens no decorrer do Ensino Médio são primordiais para a continuidade ou não de seus estudos. Um importante aspecto a ser levado em consideração é o estímulo da instituição de ensino para se prosseguir em uma carreira. Dessa maneira, a conclusão de um curso técnico não deve e não pode ser confundida com o fim das aspirações individuais e sociais dos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verticalização nas instituições facilita o conhecimento de forma integrada, permitindo que os educadores desenvolvam um trabalho reflexivo e criativo, possibilitando a autonomia dos educandos.

Ao realizar o levantamento bibliográfico sobre o conceito de verticalização aplicado à educação, mais especificamente a verticalização na Educação Profissional e Tecnológica, observa-se um número reduzido de estudos com essa temática, que centralizaram suas pesquisas na verticalização dos Institutos Federais, bem como, na relação entre verticalização e trabalho docente.

Outro ponto importante foi que as pesquisas levantadas não descreveram de forma clara a concepção de verticalização no âmbito educacional, tão pouco estabelecem uma categorização abrangente para a verticalização, seja estudantil ou institucional, convencional ou invertida. Embora seja um tema relevante, a temática da verticalização da formação dos estudantes é um assunto pouco explorado que merece maior atenção dos pesquisadores.

Entende-se que os estudos sobre verticalização precisam ser ampliados do ponto de vista teórico e empírico. Também é importante verificar juntos dos estudantes suas escolhas, dificuldades e benefícios colhidos com suas opções verticalizadas.

Enfim, o tema da verticalização - suas vantagens e desvantagens - ainda demanda muitos estudos, bem como a busca por soluções para os problemas enfrentados por esse tipo de escolarização. Que outras pesquisas busquem ensejar mais luz nesta área tão importante da Educação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Júlio César do Nascimento; MOURÃO, Arminda Raquel Botelho. O trabalho precário nos Institutos Federais: uma análise dos processos de intensificação do trabalho verticalizado. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. 1-47, 2021.

BIZERRA, Fernando de Araujo. **Taylorismo, Fordismo e Toyotismo: cui prodest?** II Seminário Nacional de Serviço Social, Trabalho e Políticas Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 23 a 25 de outubro de 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm). Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. 2020. Disponível em: <http://cnct.mec.gov.br/apresentacao>. Acesso em: 25 nov. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Plataforma Nilo Peçanha**. 2017 (Online).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Apresentação da Plataforma Nilo Peçanha**. 2018 (Online).

BORGES, Ana Lúcia Araújo; CURI, Luciano Marcos; NETO, Gonçalves Wenceslau. Ensino Comercial e sua verticalização no Brasil: origens e história. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p.1-19, 2021.

CATTANI, Antônio David (Org). **Trabalho e Tecnologia**: dicionário crítico. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

CURI, Luciano Marcos. Verticalização invertida: um tema inexplorado. In: **Jornal InterAção** (Semanaário de Notícias de Araxá - MG). Ano 19, nº 959, 08/10/21, p. 02.

CURI, Luciano Marcos. Verticalização na Educação Básica: reflexões sobre um tema importante. In: **Jornal InterAção** (Semanaário de Notícias de Araxá - MG). Ano 20, nº 1004, 19/08/22, p. 02.

CURI, Luciano Marcos. Verticalização estudantil e institucional. In: **Jornal InterAção** (Semanaário de Notícias de Araxá - MG). Ano 20, nº 1031, 24/02/23, p.02.

FERNANDES, Maria Regina da Silva. **O Processo de Verticalização Profissional e Tecnológica e suas Implicações na Qualidade do Trabalho dos Docentes do Câmpus São Vicente do Sul do Instituto Federal de Farroupilha**. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/bitstream/jspui/2787/2/2013%20-%20Maria%20Regina%20da%20Silva%20Fernandes.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Pragmática: problemas, críticas e perspectivas da Linguística**. (Vol. IV). Campinas: UNICAMP/IEL, 1982, p. 81-103.

MENDES, Cesar Miranda. A verticalização, um dos reflexos do processo da metrópole em formação. **Boletim de Geografia**, v 10, n. 01, p 51-60, Maringá, PR, 2011.

MORAES, Gustavo Henrique et al. **Plataforma Nilo Peçanha**: guia de referência metodológica. Brasília: Editora Evoliz, 2018, 101p.

MORIGI, Brito de Josimari; BOVO, Clair Marcos. A verticalização urbana em cidades de porte médio: o caso da cidade de Campo Mourão-Paraná, Brasil. **Revista de Geografia**, v. 33, n. 1, p. 48-67, 2016.

OLIVEIRA, Blenda Cavalcante. **O Trabalho Docente na Verticalização do Instituto Federal de Brasília**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.170. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22656/1/2016\\_BlendaCavalcantedeOliveira.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22656/1/2016_BlendaCavalcantedeOliveira.pdf). Acesso em: 25 nov. 2022.

OLIVEIRA, Blenda Cavalcante. **Verticalização e Trabalho Docente nos Institutos Federais**. Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro: Essentia, 2021.

PACHECO, Eliezer (Org). **Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Fundação Santilana. São Paulo: Moderna, 2011.

PEREIRA, Isabel Brasil; LIMA, Julio César França (org). **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. 478p.

PLATAFORMA NILO PEÇANHA (PNP). **Ministério da Educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/plataforma-nilo-pecanha>. Acesso em: 25 nov. 2022.

QUEIROZ, Nogueira, Augusto Thiago; COSTA, da Araújo Ademir. As pesquisas sobre a verticalização das cidades: breve histórico e dimensão das análises. **Sociedade e Território** - Natal. vol. 29, n. 1, p. 31 - 49.jan./jun. de 2017.

QUEVEDO, Margarete de. **Verticalização nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: concepção (ões) e desafios no IFRS. Dissertação (Mestrado em Educação), USC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1155/Dissertacao%20Margarete%20de%20Quevedo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em novembro de 2022.

RODRIGUES, Flávia Cristina Zanquetta; CURI, Luciano Marcos. Orientação Profissional para a Educação Profissional Técnica: um direito estudantil. *In*: NEDEL, Victor Hugo; CASTILHO, Rosane Oliveira (org). **Juventudes brasileiras**: questões contemporâneas. Paranaíba: Acadêmica Editorial, 2021, p. 289-307.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SILVA, da Francislene Rosas da; MOURÃO, Botelho Raquel Arminda e ARAÚJO, Nascimento do César Júlio José. A Constituição Histórico Institucional da Consolidação dos Institutos Federais de Educação no Brasil. **Revista Científica**, nº 62, p-1-18, jul/set. 2022.

VIEIRA, Josimar de Aparecido et al. Expectativas dos Jovens diante do Mundo do Trabalho na Contemporaneidade: sentidos e perspectivas. **Revista Valore**, 7ª ed, p 1-15, 2022.

WHETTEN, David Allred. O que constitui uma contribuição teórica? **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 3, p. 69-73, 2003.